

OS PREFIXÓIDES NO ITALIANO MODERNO

Affonso Robl
Universidade Federal do Paraná

RESUMO

O articulista procura, inicialmente, delinear as fronteiras entre a derivação prefixal e a composição, reconhecendo que existe uma visível aproximação entre ambas, sobretudo quando se trata de prefixóides.

Passa, em seguida, a explicar o que sejam prefixóides: unidades compostivas, intermediárias entre os temas nominais e as preposições ou prefixos, aplicáveis a palavras de qualquer origem. Distingue, aqui, prefixóides primários e secundários. Aqueles são elementos originais, gregos ou latinos, ao passo que estes são o resultado da abreviação de uma composição na qual o prefixóide havia entrado como componente normal. Assim, em *automobile*, *auto-* é prefixóide primário, enquanto em *autorimessa*, "remessa por automóvel", *auto-* constitui um prefixóide secundário.

Através de abundante exemplificação, o autor conclui que o italiano moderno, pela tendência à construção nominal, recorre ao latim e ao grego, não só para tomar-lhes de empréstimo os vocábulos como um todo, mas também para copiar-lhes os módulos composticionais, chegando a criar até compostos decalcados no modelo grego-germânico, em que o módulo torna-se, porque autônomo, como que lepurino-prolífico.

E finaliza, dizendo que prefixóides são elementos ou módulos braquissêmicos, originariamente substantivos, também adjetivos e advérbios, de procedência grega, latina ou de qualquer língua moderna, e que, muitas vezes despojados do sentido primitivo e prepostos a toda palavra que semanticamente o permita, funcionam à maneira de prefixos na técnica da composição ou derivação.

INTRODUÇÃO

Em face das necessidades expressionais, as línguas aumentam e enriquecem o seu léxico pelas ampliações metafóricas, pelo neologismos e pela formação de novas palavras (derivação e composição), de acordo com a estruturação de cada sistema língüístico.

Como se sabe, a linguagem humana apresenta uma característica exclusiva e "sui generis": a dupla articulação. A segunda articulação diz respeito aos fonemas, vale dizer, às unidades fonológicas distintivas, ou mais concretamente, aos sons que têm um rosto, uma fisionomia sonora, porque capazes de diferenciar palavras, por exemplo, em italiano *duce e luce, sano e vano*.

Por sua vez, a primeira articulação relaciona uma estrutura sonora (significante) a um conceito (significado). A unidade significativa mínima — o monema de André Martinet — é um signo bifacial e bipolar que engloba os lexemas (semantemas) e os morfemas.

Unidades responsáveis pela estrutura da língua, os morfemas indicam os acidentes gramaticais, e consistem, sobretudo, de flexões (desnências) e de afixos. Os morfemas categóricos ou flexionais são as categorias língüísticas (gênero, número, modo, aspecto, tempo, pessoa. . .), ao passo que os lexicais compreendem os afixos,¹ que se opõem ao lexema (elemento da palavra que tem significado externa), v. g., em italiano *antistato, intatto, superdecreto; decisionale, eccezionalistà, pluralismo* . . .

I – DERIVAÇÃO E COMPOSIÇÃO

Consiste a derivação na estruturação de um vocábulo, com base em outro, por meio de morfemas segmentais, constituindo-se assim uma forma única.² Ao menos um dos elementos é forma presa.³ *Rifare e operatare* são, pois, palavras derivadas. Observe-se que os elementos *ri-* e *-tare* não são susceptíveis de emprego independente, ao passo que *fare* e *opera* são unidades lexicais em si mesmas.

Importa, contudo, frisar que grande parte dos significantes que funcionam como prefixos é parcialmente idêntica, na forma, a outros

¹ O infixo é o afixo intercalado na raiz. Na língua italiana não há infixos propriamente ditos. Apenas existem vestígios do infixo nasal nos verbos indo-europeus, esporadicamente conservados no latim, para opor o *inflectum* ao *perfectum*: *frango* — *fragi*. Isto explica, diacronicamente, as variantes radicais de formas cognatas italianas, v. g., *rompere* (do latim *rumpere*) ao lado de *rotto* (do latim *ruptu*).

² Na derivação regressiva, geralmente deverbal, temos o caso do sufixo lexical zero (Ø): *imbarco, incarico, ricupero* . . .

³ O lexema pode ser um termo independente (*fare* em *rifare*) ou dependente (*fez* — em *refezar*).

significantes dependentes, em geral preposições ou advérbios: *sotto*, advérbio e preposição, é prefixo em *sottolineare*. Em contrapartida, quando nas palavras *libro*, *libraio*, *libreria* se suprimem os significantes que vêm depois do núcleo (-o, -aio, -eria), restará a forma “truncada” *libr-*, que não dispõe da capacidade de funcionar como constituinte imediato de um sintagma, quer livre que dependente; acresce ainda que os morfemas suprimidos não são idênticos a nenhum categorema.⁴ Isso nos leva a considerar os prefixos como entidades significativas de natureza diversa da dos sufixos e a incluí-los, pelo menos uma parte deles, na categoria dos significantes dependentes, constituindo, portanto, o conjunto, que resulta da aglutinação do prefixo ao lexema, não uma verdadeira palavra, mas um quase sintagma, provavelmente da classe dos sintagmas fixos.

Por conseguinte, é pela autonomia lexical dos componentes que se demarcam os limites entre derivação e composição. Em *sottolineare*, por exemplo, a autonomia dos termos não é menor que na palavra composta *portamonete*. Ademais, os prefixos não exercem ação alguma sobre a categoria gramatical da unidade significativa resultante; os sufixos, porém podem ocasionar mudança de categoria, v. g., o adjetivo *bianco* possui uma série de derivados nominais e verbais: *bianchezza*, *biancheggiatore*, *biancheggiato* . . .

Destas considerações todas deve-se inferir, pois, que são muito estreitas as fronteiras entre derivação prefixal e composição, havendo uma visível aproximação entre ambas.

Essa aproximação torna-se ainda mais patente em se tratando dos prefixóides⁵, isto é, significantes que, embora sendo análogos aos prefixos, não cabem inteiramente dentro desta categoria.

II – OS PREFIXÓIDES

Estão concordes os lingüistas de que o italiano contemporâneo, mercê de uma estruturação paradigmática mais opulenta, vai-se tornando um sistema lingüístico cada vez mais aberto, embora se respeitem os esquemas geralmente, mais ou menos, aceitos. Ao seu léxico abrem-se possibilidades quase infinitas de criar termos novos, entrando, em consequência, na linha inovadora das línguas indo-europeias.⁶

Verifica-se, no italiano moderno, irrefreável tendência à construção nominal, portanto branquiológica, motivada, referencial: muitas ve-

⁴ Denomina-se categorema a palavra que só tem significação categórica ou gramatical; apenas denota, mas não designa; por exemplo, os advérbios, os pronomes, os artigos.

⁵ Além de lingüistas italianos como Migliorini e Devoto, também Herculano de Carvalho emprega este termo (cf. *Teoria da linguagem*. Coimbra, Atlântida, 1973. v. 2, p. 554).

⁶ Refiro-me, sobretudo, ao inglês e alemão, ao francês e português.

zes, só aparecem os elementos portadores de mensagem. Substituem-se os sintagmas locucionais por sintagmas lexicais, vale dizer, por derivações morfológicas mediante a adjunção de mofemas ao lexema que semanticamente o permita. A língua torna-se, pois, mais sintética e paratática. Por exemplo, ao invés de se dizer *pratica per ottenere la pensione*, dir-se-á *pratica pensionistica* – que é, sem dúvida, uma lexia mais motivada (pelo genitivo latino e por todo um contexto cultural) e muito mais breve⁷.

Caracteriza-se o enunciado nominal, entre outras coisas, pela contração e pela reprodução imediata do objeto da comunicação⁸. E isso, sobretudo a brevidade, se alcança, em grande parte, mediante o “tampamento”⁹ e o emprego moderno dos sufixos e sufixóides,¹⁰ dos prefixos e prefixóides.

Afinal de contas, o que se estende por prefixóide?

“Alcuni elementi di compositi più frequentemente adoperati – assevera Migliorini – hanno finito con l’ assumere (. . .) un valore quasi di prefissi, hanno acquistato cioè la possibilità di essere preposti a qualsiasi termine del lessico che semanticamente lo consenta. Si può dire oggi autotrasporto o motocisterna, elettroagricoltura o radiodiscorso, come già secolo fa si poteva dire pseudodottore”¹¹.

Distinguem-se dos prefixos por possuir, cada um deles, uma significação mais ou menos delimitada e presente à consciência dos falantes, de tal sorte que o significado todo a que pertencem se aproxima de um conceito complexo, quer dizer, do sentido de um sintagma.¹²

Escritores gregos e latinos, sobretudo eclesiásticos, já vislumbraram a possibilidade de ampliação de certos elementos constituintes da composição. Exemplifiquemos com *pseudos*. A maioria das palavras gregas compostas de *pseudos* e outra raiz, introduzidas no latim, ou são de cunho religioso ou de caráter técnico: história natural, física, arquitetura. São criações de Plínio, Célio Aurélia, Sêneca, Vitrúvio, ou de escritores cristãos. As formações cristãs são da linguagem apologética.

⁷ Neste caso, dá-se maior ênfase à intuição do remetente (falante) e do destinatário (ouvinte).

⁸ A contração, a atemporalidade, a ênfase referencial, qualidades próprias do estilo nominal, marcam profundamente o assim chamado “estilo de apontamento” (brevidade, rapidez, tendência à simplificação), de tão larga difusão na linguagem jornalística (cf. Bice Garavelli MORTARA. Lineamenti di una tipologia dello stile nominale nella prosa letteraria contemporanea. In: STORIA linguistica dell’Italia nel novecento, Roma, Bulzoni, 1973).

⁹ Tampamento é uma espécie de “sutura” lingüística: duas ou três palavras tornam-se uma só; são as *parole-macedonia*, v. g. *ambosesso*, isto é, “pertinente aos dois sexos”.

¹⁰ Como *-bus* em *aerobus*, *filobus*, ou *-mane*, *-mania* em *fonomania*, *giallomane*, *baciomania*, *pattomania* . . .

¹¹ Cf. MIGLIORINI, Bruno. *Saggi sulla lingua del novecento*. 3. ed. Firenze, Sansoni, 1963, p. 9.

¹² O mesmo aconteceu em compostos cujo morfema prefixal oferece mais acentuado grau de independência, v. g., *sottoscrivere*.

Eis as documentadas por Tertuliano: *pseudoapostolus*, *pseudochristus*, *pseudopropheta*, (13) *pseudoprophetia*, *pseudoprophetis*, *pseudopropheticus*; por São Cipriano: *pseudobaptizatus*, *pseudoepiscopus*; por Santo Ambrósio: *pseudopresbyter*; por São Jerônimo: *pseudepigraphus*, *pseudodiaconus*, *pseudomagister*, *pseudomonachus*, *pseudopastor*; por Santo Agostinho: *pseudosynodus*, *pseudenedrus* e por Cassiodoro: *pseudographus*. Apenas *pseudocato* e *pseudophilippus* (veja Cícero) são usados por escritores profanos para indicar falsidade moral. As formas cristãs designam, todas elas, embuste do adversário. Assim, o prefixóide (“avant la lettre”) *pseudo*-, — que fora anteriormente introyudo no latim pelos escritores eruditos (v. g., Vitrúvio, morto em 11 a. C.) —, teve seu uso em sentido moral desenvolvido pelos escritores cristãos. *Pseudopastor* e *pseudomagister* são os primeiros exemplos híbridos, com sentido moral, inspirados, aliás, em *pseudopoimen* e *pseudodidáscalos*.¹⁴

Mais e mais, a língua italiana, sobretudo a contemporânea, tomou consciência da funcionalidade de certos prefixos para a composição nominal, por exemplo *ri-lettura*, “leitura sob outro enfoque, em outro plano; nova interpretação”. Estes prefixos, contudo, não constituem recurso tão funcional como os denominados prefixos separáveis do alemão: verbos como *risentire* facilmente deixam detectar seu respectivo prefixo; quando se trata, porém, de composição nominal, não facilmente o prefixo se adapta ao automatismo paradigmático, o que bem se percebe na formação jocosa *ri-buon giorno*. Em italiano, o primeiro elemento da composição normal e espontânea deve ser verbal, do tipo *mangia-fuoco*. Uma justaposição germânica como *Morgengabe*, literalmente “mattino-dono” (manhã-presente), é inadmissível em italiano, porque agramatical, devendo, pois, ser “traduzida” mediante um sintagma bem mais complexo: *dono del mattino*.

No entanto, essa resistência do sistema significante italiano vai sendo minada, pouco a pouco, pelas exigências semânticas da cultura atual, pela onímoda influência anglo-saxônica e pela projetada união (queira Deus!) da Europa Ocidental. E essa “necessidade” vem sendo satisfeita, em parte, mediante a técnica dos prefixóides: unidades compostivas, intermediárias entre os temas nominais e as preposições ou prefixos, aplicáveis a palavras de qualquer origem.

Importa, contudo, distinguir dois tipos de prefixóides: os primários e os secundários. Constituem-se aquelas de elementos originais, gregos ou latinos: *autocombustione*, *autorittrato*, *autogoverno*, composições em que *auto-* significa “se stesso”; *telecomunicazione*, *teleferi-*

¹³ Estas três formas são encontradiças também na Vulgata.

¹⁴ Existem no francês atual construções como de *pseudo-concordances*, em que o emprego da preposição *de* mostra que *pseudo-* é considerado um adjetivo. Desta mesma deriva surgem, em italiano, erros como *tutti gli pseudi governi* (cf. *Nazione*, Roma, 13 giug. 1941).

ca.¹⁵ **telescopia**, em que **tele-** quer dizer “a distância”. Em contrapartida, os secundários são o resultado da abreviação de uma composição na qual o prefixóide havia entrado como componente normal. São, pois, formas braquissêmicas. Aqui se verificam, a meu ver, deslizamentos gramaticais, isto é, passagens de uma categoria à outra: **automobile** (**auto-** = prefixóide primário) encurtou-se para **auto**, substantivo que se torna elemento componente em **autorimessa**, “rimessa per automobile” (**auto** = prefixóide secundário). Ademais, no italiano moderno, a série de palavras construídas com base em **auto-**, na acepção de “automóvel”, e **tele-**, no sentido de “televisão”, amplia-se constantemente: o vocabulário se enriquece cada vez mais. Ora, esse enriquecimento se realiza consoante um modelo que é o da prefixação: a anterioridade da palavra **tele-**, por exemplo, em relação à palavra seguinte; é pois, modelo posicional igual ao dos artigos antes do nome, dos auxiliares e semi-auxiliares antes do verbo.

Empregam-se os prefixóides primários para criar palavras motivadas, com a técnica da simples composição “atributiva”, isto é, o prefixóide exerce a função de adjunto adnominal: **protomedico**. Os secundários, ao invés, escapam aos esquemas tradicionais da composição. Trata-se de compostos nos quais o elemento “regente” não é verbal, situando-se, por isso, no mesmo plano do alemão **Windmühle**. Essa tipo composicional era, até pouco tempo atrás, considerado estranho à tradição lingüística italiana.¹⁶

Parece-me que o uso dos prefixóides, máximo dos secundários, decorre da “lei” do menor esforço ou da economia lingüística. Princípio que regula a atividade da fala, a economia lingüística atinge todo o sistema. Traduz-se o princípio do mínimo esforço no equilíbrio entre a inércia e as necessidades de comunicação. Assim, o que é superfluo desaparece e se realça o que é indispensável.

No atinente às características morfológicas, importa observar que os prefixóides têm uma tendência generalizada para a terminação em **-o**: **fotoscultura** (cf. o francês **photogravure** e o inglês **photostand**)¹⁷. Acresce que, na sua maioria, são dessílabos, chegando-se a encurtar até elementos composticionais origiariamente polissilábicos: **visco-** (por

¹⁵ **Teleferica** provém do inglês **telepherage**, termo criado por Fleeming Jenkin, em 1883.

¹⁶ Cf. DEVOTO, Giacomo. **Il linguaggio d'Italia**. Milano, Rizzoli, 1974. p. 337-8.

¹⁷ Há, todavia, exceções, v. g., **cine-**; mas o alemão **Kino-** demonstra a internacionalidade dessa tendência. Aliás, a invariabilidade da vogal final dos prefixóides ocasiona hiatos, que raiam pela cacofonia: **radio-audizioni**, **radioonde**. Convém notar, ainda, que nos compostos prefixoidais oscila muito o emprego do hífen; é usado, de preferência, quando se trata de termos mais recentes e mais longos.

*viscosi-), solfo- (por *sulfuri), turbo- (por *turbini-). . .¹⁸

Não só os substantivos, mas também outras partes do discurso, embora em casos mais esporádico, são reduzíveis a prefixóides: immunologia (radical adjetival), illuminometro (radical verbal).

Não padece dúvida de que a longa série de adjetivos coordenados do tipo memoria storico-critica deva ter contribuído bastante para que se fixasse em -o a terminação prefixoidal. Essa formação enriqueceu-se no Quinhehtismo, e no Seiscentismo multiplicou-se ainda mais: biblioteca sacro-profana, novelle politico-letterarie, religione cristiano-cattolica. Esse tipo de construção revelou-se particularmente fecundo em determinados campos semânticos. Na área da etnografia: il tratto turco-veneto, la guerra franco-prussiana, un vocabulário italo-tedesco; na esfera da medicina: vegeto-minerale, gastro-intestinale, cerebro-spirale; no campo político: settario-liberali, radico-socialisti, social-democratici . . . Depois, premida por necessidades expressionais, a língua estribada em construções tipicamente germânicas (v. g., Netur-und Geisteswissenschaften) — procurou justapor dois substantivos: officina profumo-farmaceutica, operai metalmeccanici, locomotori benzoelettrici . . . Convém ressaltar, enfim, que entre esses compostos coordenativos e os prefixóides existem vários pontos de contato. A sua origem é comum; basta lembrar compostos gregos, como Syrofoinics, isto é, “fenício da Síria, ou latinos, como Moeso-Gothi”. Ademais, a mesma forma pode assumir dois significados: por exemplo, ispano-americano, quando considerado composto por subordinação, significa “americano de origem espanhola” (cf. stati ispano-americani); porém, como composto por coordenação, pode exprimir uma oposição (cf. guerra ispano-americana).

Finalmente, um relance sobre a semântica dos prefixóides. Muitos elementos prefixóides se afastaram da primitiva significação grega, servindo agora como resumo ou abreviação de substantivos modernos; fotovisione não é uma “visão luminosa”, mas uma “visão fotográfica”; microcirurgia, não “pequena cirurgia”, mas “cirurgia microscópica”; e assim, microlettore, “aparelho para ler microfilmes”; dattiloscritto, “escrito com máquina datilográfica”; autostrada, “estrada especial para automóveis” . . .¹⁹ Sem dúvida, o uso dos prefixóides, sobretudo secundários, pode engendrar certa ambigüidade; vejam-se, por exemplo, as formas autoservizio, autoamatore, autoproduttrici, autofinanziamen-

¹⁸ Alyuns exemplos: viscometria, turbonave, demoliberali (= democratico + liberali), ortofrutticolo (= orticolo + frutticolo) . . . Ainda no que tange à terminação -o, é conveniente lembrar que já nos compostos do grego prevalecia essa vogal: hylo-tomos (Homero), acropolis, e que entre os romanos são encontradiças formações como merobibus e sociofraudus (Plauto), anuloculter (Tertuliano), mulomedicus (em epitáfios cristão desde o séc. IV).

¹⁹ Cf. MIGLIORINI, p. 26-51.

to; mas o contorno — situação, região, contexto, universo cultural — facilmente poderá precisar-lhes o sentido, “*hic et nunc*”.²⁰

III – ALGUMAS EXEMPLIFICAÇÕES

Elencarei, a seguir, uma série de prefixóides, originariamente substantivos, adjetivos ou advérbios, tomados à linguagem corrente e técnica, para mostrar que o italiano atual tende a multiplicar, quase infinitamente, semelhantes formações²¹.

AERO—: *aeroambulanza*, *aerocampo*, *aerocentro*, *aerocervo*, *aerochimica*, *aerocrociera*, *aeroferetro*, *aerofilatelia*, *aerogazzetta*, *aerogigante*, *aerogramma* (= *radiotelegramma*), *aerolinea*, *aeromobile*, *aeromodello*, *aeromusica* (Marinetti, 1934), *aeropittura* (Marinetti, 1931), *aeroporto*, *aeroportuale*, *aeropostale*, *aeroscalo*, *aerosiluro*, *aerotecnico*, *aerotrasportare*, *aerotreno*, *aeroturismo*; antes já apareceram *aerodinamica*, *aeroplano*, *aerostato*, *aerostatico*, *aerostazione*, *aeronave*.²²

AUTO—, na acepção grega “por si mesmo” (prefixóide primário): *autoamministrazione*, *autoattribuzione*, *autoclave*, *autocompiacimento*, *autodecisione*, *autodivoratore*, *autofinanziamento*, *autogoa*, *autogoverno*, *autoisolamento*, *autoosservazione*, *autoostracismo*, *autopromozione*, *autorescensione*, *autoriforma*, *autoritratto*, *autocatto*, *autoscio-gimento*, *autosufficienza*, *autovalutazione*; também *automicidiale* (Pancrazi), *autodirisi* (Chirlo), *autosanzionarsi* . . . Fochi traz à baila os seguintes exemplos: *autoaccusa*, *autobiografia*, *autocritica*, *autodeterminazione*, *autodidatta*, *autogeno*, *autografo*, *autolatria*, *autolesionista* (na guerra de 1918), *automotrice*, *autarchico*, *autorete*, *autovaccino* . . .²³

AUTO—; com o sentido de “automóvel” (prefixóide secundário): *autobotte*, *autocampeggio*, *autocarretta*, *autocarro*, *autocasa*, *autocellulare*, *autocinema*, *autocine*, *autocisterna*, *autodrappello*, *autoforno*, *autofurgone*, *autoinnaffiatrice*, *autolettiga*, *autolibro*, *autolittorina*, *autonolo*, *autoparco*, *autopista*, *autopompa*, *autoscafo*, *autoscala*, *autoscuola*, *autosleeping*, *autotrasporto*, *autotrazione*, *autotreno*, *autoveicolo*, *autovettura*. Em Fochi se nos deparam *autocappelle* (dos

²⁰ Afirma MIGLIORINI: “L’omonimia fra *auto-*, ‘se stesso’, e *auto-*, ‘automobile’, di solito non turba, perché può dar luogo ad equivoci solo molto di rado” (p. 15).

²¹ Algumas formações, porque contrárias ao gênio da língua ou refratárias ao gosto do povo, facilmente desaparecerão.

²² Anteriormente, os gregos já haviam forjado *aeromachia* e *aeroscopia*; os romanos, *seromanzia* e *aerofagia*, e os seiscentistas cunharam *erologia* e *aerometria*.

²³ Cf. FOCHI, Franco. Lingua in rivoluzione (Milano, Feltrinelli, 1966), onde encontramos “achados” propagandísticos como *cernieri silenziose autoritenenti*, *bruciatori automatici autoaspiranti*, *autogrill*, *autolucidante*, *autostir*, *autoffilanti* e o ajetivo *autobrutte*, “que si creidono, si vedono, si sentono brutte” (Annabellla, 1961).

missionários), autodonna, autominiatura, autonotizia, autoradio, autoricambi, e nomes de empresas e oficinas como *Autoclima* (Milano); *Automondiale*, *Autoccasione* (Roma); *Autoscana* e *Automec* (Firenze).

AVIO — : aviolinee, aviomezzi, aviorimessa, avioveliero; aviotrasportare.

CINE²⁴. Migliorini registra os seguintes termos, oriundos do prefixóide secundário: *cineamatore*, *cinecantato*, *cinedilettante*, *cinedramma*, *cinegiudiziario*, *cinelibro*, *cinemelodramma*, *cinepalazzo*, *cineprontuario*, *cineromanzo*, *cinesperimentale*, *cinespettatore*, *cinetecnica*, *cineveglia*²⁵. Acham-se enumerados em Fochi: *cineasti*, *cineautori*, *cinecamere*, *cinecomparse*, *cineclub*, *cinedocumentari*, *cinegiornali*, *cinegruf*, *cinemascope*, *cinemobili*, *cinemondo*, *cineparcheggi* ("drive-in"), *cineparchi*, *cineprese*, *cineproduttori*, *cinerama*, *cineregisti*, *cinesussidi*, *cineteatri*, *cineteche*, *cinetoscopi*.

ELETRO — . O dicionário de Tommaseo-Bellini já registra eletroargentatura, elettrodoratura, elettromotore, elettromotricità, elettropuntura. Mais recentemente temos eletroagricoltura, eletroconvoglio, eletrodomestico,²⁶ eletroesecuzione,²⁷ eletroincendiario, elettromedicina, elettoradiotanatologia ("estudo das influências da eletricidade sobre os mortos"), elettrotrazione, elettrotreno.

EURO — : eurocanzone, eurofestival, eurooperatore, europrofissional, eurovisione, eurovisivi . . .

FONO — . Como prefixóide propriamente dito, em geral não se refere à voz, mas sim aos meios mecânicos para imitá-la e, em particular, ao fonógrafo: *fonoesposizioni*, *fonofilm* (do inglês *phonifilm*), *fonomontatore*, *fonovaligia*.

FOTO — . Também *foto-*, que, em compostos do tipo grego, significa "luz", se destaca como prefixóide secundário com o sentido específico de "fotografia": *fotoapparecchio*, *fotoautore*, *fotocronaca*, *fotoemande*, *photogeniche*, *photogiornale*, *photogruppo*, *fotoincisione*, *photinsegna*, *photomateriale*, *photomodella*, *photomantaggio*, (fotocomposizione e fotomosaico), *phototrizie*, *photopastello*, *photopittura*, *photoprodotti*, *phototest*, *photomanzo*, *photoreporter*, *photoservizio*, *photostudio*, *photovisione*; os compostos verbais *fotocopiare* e *photovedere*; guida *phototuristica*, *photofototurismo*.

IDRO — : *idrocompresso*, *idrodromo*, *idropittura*, *idrorepellenza*, *idroresistenza* . . .

²⁴ Cine- também é primário, v. g., em *cinematica*, "parte da mecânica que estuda os movimentos".

²⁵ O nome *Cinelandia* foi divulgado graças ao romance homônimo de R. Gómez de la Ser- na (1925); a *Cinecittà* foi fundada em 1937.

²⁶ A rigor, *apparecchi elettrodomestici* deveria ser *eletroapparecchi domestici*.

²⁷ Nos Estados Unidos da América, *electroexecution* foi "exprimido" para *electrocution* (1890).

MICRO – : *microcamere, mocrogonna, micromotore, mocooggetti, micropigmento, microradio, microvettura, macrovocabolari* . . .

MINI – e **MAXI** – . São de origem inglesa, tirados que foram de **minimum** e **maximum**. Eis alguns exemplos: *miniaddio* (jocoso), *miniauto, minibiblioteca, minicantante, miniduepezzi* (= “parola-macedonia”), *minilibro, minimarket, minimondo; maxigonna* . . .

MOTO – , na acepção de “motor”: *motoaliante, motoaratura, motocarretta, motocisterna, motopompa*. Com a significação de “motocicleta” ou “motociclo”: *motocolonna, motomezzi, motoricambi* . . .²⁸

POLI – : *poliambulatorio, policlinico, poligrafico, politecnico, polisportivo, cibi polivitaminici*.

PLURI – : *pluribisognoso, pluriclasse, pluridecorati, pluridifficoltoso, pluriennale, pluriferiti, plurinominale, pluristatali* . . .

RÁDIO – . Os compostos híbridos mais antigos dizem respeito ao “raio geométrico” ou aos “raios solares”. Porém, o prefixóide **radio**- principalmente se refere às transmissões radiofônicas: *radioascensori, radioascoltatori, radioattori, radioautori, radiocronaca, radiodirettori, radiodiscorso, radiodramma, radiogioco, radiogiornale, radiogrottesco, radiomessaggio, radiomondo, radiomonologo, radionotiziari, radiogrammi, radioquiz, radioredattori, radiorivista, radiosede; radiocafoni* (jocoso); *anno radioscolatico ou radio-annoscolastico, stazione radio-campale, trasmissioni radiorurali; radio-teleabbonati*; e mais umas dezenas de outros semelhantes.

TELE – , advérbio grego, com o sentido de “longe”: *telegrafo, telefono, radiotelegrafia, telecomunicazioni* . . .²⁹ Com o significado de “televisão” temos *teleabbonato, teleascoltare, telecamera, teledocente, telemondo, telesegretaria, teleservizio, telespettatore, teletecnico, (= videotecnico), televisore, televocaboli, telfone; você telegenica; televisivo*.

Importa ressaltar, por fim, que existem numerosos neologismos em que o primeiro componente assume um sentido especial, tendendo assim a tornar-se autônomo. Elementos gregos: *cicloturismo, gastrovascolare, geopolitica, ippocolonna, pirodraga, pornolettura, stenoresoconto, termobagno, zoomoda* (“moda di portare pellicce”); elementos latinos ou modernos: *autiregolatore, benzoperforatrice, eredolue, fibrocelula, funislitta, guidovia, massoterapia, pittocritico, postagiro, rotocalco, sociosfera, totocalcio, totolibro* . . .³⁰

²⁸ *Motoleggera* é uma justaposição; *motofracassoni* é formação jocosa.

²⁹ *Teleselezione* corresponde ao nosso DDD = “discagem direta à distância”.

³⁰ *Ferrovia* é decalque dos compostos anglo-germânicos *railway, railroad, Eisenbahn*.

CONCLUSÃO

Na língua grega, a composição substantivo determinante mais substantivo determinado era perfeitamente normal e sistemática. O latim, ao contrário, — exceto *hospes* e mais alguns poucos exemplos, provavelmente decalcados sobre o grego — mostrava-se avesso a semelhante combinação.

Herdaram as línguas românicas numerosos vocábulos formados por aglutinação (*orafo*) ou por justaposição (*terremoto*); falecia-lhes, porém, a possibilidade de criar normalmente novas formas do tipo substantivo determinante mais substantivo determinado.³¹ Adotavam-se, apenas, algumas formações das línguas germânicas: *lanzichenocco*, *langravio*, *maniscalco*, *borgomastro*, *feldmaresciallo* . . . Mas tais empréstimos eram considerados “monoblocos” e os seus módulos composticionais, porque tidos como não-autônomos, tornaram-se de todo infecundos.

Surge, entretanto, a necessidade de expandir as lindes lexicais. Para tanto, recorre-se ao latim e ao grego, não só para tomar-lhes de empréstimo os vocábulos como um todo, se não para copiar-lhes os módulos composticionais. Hajam vista os exóticos *oricrinito*, *capinera*, *pettirosso*,³² as justaposições adjetivo com função adverbial mais particípio: *altamugghiante*, *chiaroveggente*;³³ as composições substantivo mais verbo: *mammifero* (cf. o latim *armiger*), *ignovomo*, *focospirante*; as composições substantivo determinante mais substantivo determinado: *baccelliforme*, *pissidomorfo*.

Entretanto, não satisfeitos com isso, a ciência e a técnica moderna porfiam por inventar compostos decalcados no modelo greco-germânico em que o módulo torna-se, porque autônomo, como que *lepurino-prolífico*: *brodocultura*, *ceretoreazione*, *siero-prevenzione*, *gruppospecifico*, *nervo oculomotore*, *malariaoterapia*, *riflessosimpaticoterapia*, *sostanze tensioattive*, *vitamina calcifissatrice*, *funzione glicoregolatrice*, *tossiinfezione*, *sindrome anafilattosimile*, *organismi penicilliono-resistanti*; *missiologia*, *sociologia*, *titografia*; *genocidio*; *aumentomania*; *filovia*, *tankodromo*, *gasometro*, *filmoteca*, *fotolito* (= *fotolitografia*), *ciclocarrozzi* ou *motocarrozetta* (“*sidecar*”); *aridocultura* (“*dry framing*”), *ortoflorofrutticoltura* . . .

Do retro exposto, deduz-se que os prefixóides são elementos ou módulos braquissêmicos, originariamente substantivos, como também

³¹ Não se deve confundi-las com as composições substantivo determinado mais substantivo determinante, v. g., *cavolfiore*.

³² Comparem-se com o espanhol *aliaberto*, *rabicano*.

³³ Veja as expressões latinas: *dulce loquemtem*, *dulce ridentem*.

adjetivos e advérbios, de procedência grega, latina ou de qualquer língua moderna, e que, muitas vezes despojados do sentido primitivo e prepostos a toda palavra que semanticamente o permita, funcionam à maneira de prefixos na técnica da composição ou derivação.

Para a criação e difusão de ingente cópia de compostos ou derivados contribuem enormemente o progresso científico-técnico internacional, a indústria e o jornalismo.

A ciência e a técnica, apra denominar suas descobertas e invenções; a indústria, de um lado, pela exigência lógica de forjar termos novos para designar objetos novos e defender, ao mesmo tempo, a propriedade da coisa, e, de outro lado, pela necessidade de fazer propaganda através de palavras eufônicas, breves, conteudísticas; o jornalismo, porque, em maio à luta-lufa dos tempos modernos, a notícia deve ser veiculada por uma linguagem concisa, enxuta, referencial, motivada, denotativa.

Em vão esbravejam os puristas extremados contra essa tendência internacional.

Se a língua é resultado e súmula da cultura, se de certa forma ela existe para englobar, comunicar e transmitir a cultura, então fatalmente o italiano contemporâneo se ajustará, mais e mais, à consmovisão da Itália e do mundo ocidental.

RIASSUNTO

L'autore dell'articolo cerca, all'inizio, di delineare le frontiere tra la derivazione prefissale e la composizione, riconoscendo che esiste una visibile approssimazione fra le due, soprattutto quando si tratta di prefissoidi.

In seguito spiega che cosa sono i prefissoidi: unità composite, intermedie fra i temi nominali e le preposizioni o prefissi, applicabili a parole di qualsiasi origine. Fa qui una distinzione, dei prefissi primari e secondari. I primi sono elementi originari, greci o latini, mentre i secondi sono il risultato della abbreviazione di una componente normale. Così in *automobile*, *auto-* è prefissode primario, mentre in *auto-messa*, "rimessa per automobile", *auto-* costituisce un prefissode secondario.

Per mezzo di moltissimi esempi, l'autore conclude che l'italiano moderno, con tendenza alla costruzione nominale, ricorre al latino ed al greco, non solo per prendere in prestito i vocaboli como un tutto, ma anche per copiarne i moduli di composizione, fino a creare dei composti decalcati sul modello greco-germanico, in cui il modello diventa, perché autonomo, quasi lepurino-prolifero.

Conclude dicendo che i prefissoidi sono eleminti o moduli

braquissemici, originariamente sostantivi, aggattivi di o verbi, procedenza greca, latina, o di qualunque lingua moderna, e che molte volte, dispogliati del senso primitivo e preposti ad ogni parola che semanticamente lo permetta, funzionano a guisa di prefissi nella tecnica della composizione o derivazione.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 BORBA, Francisco da Silva. *Pequeno vocabulário de lingüística moderna*. São Paulo, Nacional, 1971.
- 2 CARVALHO, José G. Herculano de. *Teoria da linguagem*. Coimbra, Atlântida, 1973. 2 v.
- 3 CEVADALLI, Anita Salmoni. *Evolução da língua italiana contemporânea; apontamentos de aula do Curso de Pós-Graduação em Lingüística Românica*, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1975.
- 4 DEVOTO, Giacomo. *Il linguaggio d'Itália*. Milano, Rizzoli, 1974.
- 5 DUBOIS, Jean. *Grammaire structurelle du Français; nom et pronom*. Paris, Larousse, 1965.
- 6 ——— et alii. *Dictionnaire de linguistique*. Paris, Larousse, 1973.
- 7 FOCHI, Franco. *Lingua in rivoluzione*. Milano, Feltrinelli, 1966.
- 8 GENOUVRIER, Émile & PEYTARD, Jean. *Lingüística e ensino do português*. Coimbra, Almedina, 1974.
- 9 MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. *Dicionário de filologia e gramática*. 3. ed. Rio de Janeiro, J. Ozon, 1968.
- 10 MIGLIORINI, Bruno. *Lingua d'oggi e di ieri*. Roma, Sciascia, 1973.
- 11 ———. *Saggi sulla lingua del novecento*. 3. ed. Firenze, Sansoni, 1963.
- 12 MORTARA, B. G. *Storia linguistica dell'Italia nel novecento*. Roma, Bulzoni, 1973.
- 13 NAZIONE, Roma, 13 giug. 1941.
- 14 POTTIER, Bernard et alii. *Le langage*. Paris, Centre d'Étude et de Promotion de la Lecture, 1973.
- 15 ROHLFS, Gerhard. *Grammatica Storica della lingua italiana e dei suoi dialetti*. Torino, Einaudi, 1969.
- 16 VAANANEN, Veikko. *Introducción al latín vulgar*. Madrid, Gredos, 1968.